FORTALEZAS (IN)VISÍVEIS: INTERVENÇÕES URBANAS E AUDIOVISUAIS[1]

Deisimer Gorczevski
Universidade Federal do Ceará / deisimergorczevski@gmail.com
Aline Albuquerque
Universidade Federal do Ceará /alialbu@gmail.com
Emília Schramm
Universidade Federal do Ceará/ schrammemilia@gmail.com

Resumo
O estudo problematiza a relação entre arte e bairro, cinema e cidade como desdobramento de experiências com intervenções audiovisuais e urbanas, em Fortaleza, Ceará. O trabalho propõem tornar visíveis singularidades do viver e conviver com os espaços esquecidos da cidade, suas questões e problemas a serem debatidos, afirmando o urbano como plano de intervenções e a arte de bairro como política de resistência. A escolha da Cartografia e a relação com a Pesquisa-Intervenção como métodos de fazer-saber coletivo e transdisciplinar convidam à atitude de pesquisar com o bairro, com os moradores, com as associações, com o Cine Ser Ver Luz. Pensar uma *arte de bairro,* ou ainda, um *cinema que inventa o bairro,* nos remete às proposições de Hélio Oiticica: *arte ambiental, mundo museu*, *crelazer*. Implica pensarmos a arte como atitude, como também sugere o artista Cildo Meireles. Quando questionado sobre como seriam os museus no futuro, Meireles (2009) respondeu que não sabia ao certo, mas que, talvez, os museus viriam a ser o próprio modo de existência das pessoas, seus hábitos, seus modos de conviver. Nesse estudo, apresentamos as intervenções audiovisuais *Luzes do Farol* e *Farol / OcupAções* realizadas na pesquisa Cinema In(ter)venção: Cine Ser Ver Luz uma aliança entre o Coletivo AudioVisual, a Associação de Moradores do Titanzinho, no bairro Serviluz e o Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR/CNPq) da Universidade Federal do Ceará. A ideia de uma estetização da vida, de uma ritualização dos gestos, a ideia de atribuir sentido às práticas cotidianas, coaduna-se com a de *arte de bairro* ao aproximar a dimensão estética da arte dos gestos cotidianos. Esse movimento é prenhe de possibilidades inventivas e transformadoras, é um movimento que aproxima arte e vida, é, portanto, um comprometimento estético e social com o entorno de onde se habita. É fazer micropolítica.

Palavras-chave: Artes, Cidade, Intervenções Audiovisuais

Ao pensar os modos de pesquisar e intervir com a cidade, evidenciam-se desafios presentes, desde a constatação da complexidade das mutações nos modos de conhecer e se relacionar com as artes na contemporaneidade, em especial, considerando questões que rompem com as linguagens clássicas e a

[1] A pesquisa recebeu apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico-Funcap, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Universidade Federal do Ceará – UFC com bolsa de Iniciação Científica.

emergente hibridização de gêneros, na perspectiva de um pensamento transdisciplinar da arte.

A proposição de pesquisar a relação entre arte e bairro, cinema e cidade emerge como desdobramento de experiências com intervenções audiovisuais e urbanas, iniciadas em pesquisas anteriores[2], que envolviam a área das artes (cinema e audiovisual, artes visuais, teatro e dança) em interface com a arquitetura, urbanismo, comunicação, ciências sociais, letras e políticas públicas, entre outras, onde alargamos as relações com diferentes processos de criação, aproximando-nos de coletivos que atuam no urbano enquanto plano das intervenções.

Diante da complexidade da cidade, agir a partir do entorno de onde se habita será sempre um bom começo. Habitamos a cidade que nos habita, atravessamos a cidade que nos atravessa, somos pele|muro, mar|artérias|riachos, mangue|pulmão, fraturas, fissuras, edificações e ruínas, paixão e desencanto, memória e esquecimento, somos tão fortes quanto sensíveis na experiência cotidiana de nos inventarmos com as cidades que coabitamos, somos inúmeros km de terra, arreia, praia, praças, árvores exuberantes, rodovias, ferrovias, somos morros, pontes, viadutos, farol a iluminar espaços esquecidos, terrenos baldios, crianças nos sinais, prédios inconclusos, vendedores ambulantes, cadeiras nas calçadas, somos *tudojuntoemisturado*, e o denso caldo que nos compõe também alimenta a utopia que avistamos todos os dias à linha do horizonte de cores incríveis, ao alcance de nossos sonhos, intenções, delírios, pirações, gambiarras, intervenções.

> A cidade é o correlato da estrada. Ela só existe em função de uma circulação e de circuitos; ela é um ponto assinalável sobre os circuitos que a criam ou que ela cria. Ela se define por entradas e saídas, é preciso que alguma coisa aí entre e daí saia. Ela impõe uma freqüência. Ela opera uma polarização da matéria, inerte, vivente ou humana; ela faz com que o phylum, os fluxos passem aqui ou ali, sobre as linhas horizontais. E um fenômeno de trans-consistência, é uma rede, porque ela está fundamentalmente em relação com outras cidades. Ela representa um limiar de desterritorialização, pois é preciso que o material qualquer seja suficientemente desterritorializado para entrar na rede, submeter-se à polarização, seguir o circuito de recodificação urbana e itinerária (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.122).

[2] Pesquisas: In(ter)venções AudioVisuais com Jovens em Fortaleza e Porto Alegre (2011-2013), Coletivo AudioVisual do Titanzinho – Cine Ser Ver Luz (2014-2017) e Arte | Espaço Comum| IntenCidades (2014-2017) realizadas no Instituto de Cultura e Arte, na UFC. Detalhes em: <http://pesquisaintervencoes.blogspot.com/> , <https://titanzinhodasinvencoes.tumblr.com/> e <https://pesquisaintencidades.tumblr.com/>

Habitar nos define enquanto seres mortais sobre a terra e, no entanto, habitamos cidades alheias. Sentimo-nos incapazes diante da complexidade dos problemas urbanos. Reaver a cidade é reaver a política, e pode ser possível se nos dispusermos a tomar nosso cotidiano, nosso entorno, como espaço-tempo por onde reinventar modos de habitar. A palavra hábito e a palavra habitar são cognatas, o que nos faz pensar que o exercício simples e cotidiano de cultivar hábitos conscientes, criativos, afetivos, aponta-nos um caminho propositivo, crítico e autônomo diante de uma realidade na qual desejamos intervir. Assim, o bairro se torna espaço ideal para resistirmos inventando, que é como entendemos a resistência, sem ressentimentos, lembrando também dos escritos de Oliveira (2017) em *Brasil, além do ressentimento*.

O cinema pode inventar um bairro?

Figura 1. Cine Ser Ver Luz no Farol do Mucuripe.

Fonte: Acervo da Pesquisa.

Que cinema é esse que inventa e é inventado com o bairro Serviluz?[3] Que bairro é esse que vive, cotidianamente, as ameaças das políticas de remoção, em uma região da cidade considerada Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)[4]?

[3] Questão inspiradora que vem sendo problematizada também nas publicações dos livros_catálogos: Cinema que inventa o bairro: Cine Ser Ver Luz e Nossas ruas com cinema: Cine Ser Ver Luz, ambos escritos em coautoria entre membros do Coletivo AudioVisual do Titanzinho, da Associação de Moradores do Titanzinho e do LAMUR |UFC. (GORCZEVSKI *et al 2019* a e 2019b).

[4] "Em 2009, foi aprovado o Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFor), e neste Plano temos as Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS, consideradas como porções do território destinadas, prioritariamente, à recuperação urbanística, à regularização fundiária e à produção de Habitações de Interesse Social – HIS ou do Mercado Popular – HMP, incluindo a recuperação de imóveis degradados, a provisão de equipamentos sociais e culturais, espaços públicos, serviço e comércio de caráter local" . Texto citado pelos participantes da Associação de Moradores do Titanzinho no livro_catálogo Cinema que Inventa o Bairro, mencionado anteriormente.

Como fazer pesquisas produzindo aprendizados coletivos e transdisciplinares *com* a cidade, *com* o bairro, *com* os moradores, *com* as associações, *com* o Cine Ser Ver Luz?

Essa rede de questões apresenta algumas das inquietações que compõem a pesquisa Cinema In(ter)venção: Cine Ser Ver Luz, vinculada ao Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR/CNPq), na Universidade Federal do Ceará, apresentada, brevemente, nesta escrita.

A pesquisa acompanha e realiza intervenções com o Coletivo AudioVisual do Titanzinho[5] desde a criação da primeira Mostra AudioVisual do Titanzinho[6] , das oficinas[7] e do cineclube Cine Ser Ver Luz. O estudo vem se constituindo no encontro com moradores / artistas / pesquisadores / estudantes na perspectiva de intensificar as escutas e análises de como os moradores vivem, convivem e resistem às constantes ameaças das políticas de remoção nessa ZEIS, na cidade de Fortaleza, onde um milhão de pessoas – entre os mais de dois milhões e seiscentos mil habitantes[8] da capital cearense – vive em assentamentos que apresentam o mais variado grau de precariedade de moradia[9].

Nesse processo de realizar escutas, ressaltamos a noção de *atenção*, nos estudos sobre a *experiência estética,* apresentada por Kastrup (2012) ao procurar tornar visível a potência de transformação da arte, tanto para o artista como para o *percebedor*. Nas palavras de Kastrup (2012, p. 28), a "[...] experiência estética surpreende pela beleza ou pelo estranhamento, mas sempre por seu caráter de enigma, que mobiliza a atenção e desativa a atitude recognitiva natural. Ela instala um estado de exceção".

O Cine Ser Ver Luz[10] realiza sessões com programação temática, entre outras ações que visam aproximar a produção audiovisual cearense, nacional,

---

[5] Mais detalhes do Coletivo e da pesquisa no blog https://cineclubeserverluz.wordpress.com; no Facebook: https://pt-br.facebook.com/cineclubeserverluz/; e no Instagram: @mostratitanzinho e ainda no canal de vídeos https://www.youtube.com/channel/UCA_LiAIH6AxDTGlqAqKrdSg/videos

[6] A Mostra AudioVisual do Titanzinho é um espaço de encontro e partilha das criações e produções sonoras, visuais e audiovisuais feitas com o bairro Serviluz por moradores, artistas, estudantes, educadores e pesquisadores, com o objetivo de mobilizar a circulação das produções e a conversa em torno dos processos de criação e das experimentações artísticas, políticas e comunitárias. As mostras acontecem anualmente, desde 2011, no bairro Serviluz e de modo itinerante desde 2013.

[7] As oficinas acontecem, desde 2011, em diferentes temas, entre eles: fotografia, edição audiovisual, cineclube, artes visuais (graffiti, stêncil, lambe) e fanzine.

[8] Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fortaleza teria uma população de 2.643.247 de habitantes em 2018.

[9] Mais detalhes podem ser encontrados no relatório Plano Integrado de Regularização Fundiária (PIRF) para a Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) Serviluz.

[10] No processo de realização das sessões, o Coletivo aprovou dois projetos para o fortalecimento do cineclube no Edital de Cinema e Vídeo da Secretaria de Cultura do Ceará-Secult, em 2014 e 2015.

internacional, bem como proporcionar um reencontro com filmes clássicos. Visa, principalmente, encontrar meios para partilhar a produção audiovisual local, entendendo-a como possibilidade de inventar outros modos de visibilizar o bairro e seus moradores, considerando a promoção da expressão artística de suas singularidades.

As temáticas das sessões do Cine e as escolhas dos filmes, no processo de curadoria, são modos de dialogar com as práticas cotidianas em busca de entender como as pessoas ocupam o espaço e se inventam em processos de singularização (GUATTARI, 1992). Nas analises e escolhas dos filmes nossas referências também consideram as contribuições de Deleuze e Guattari (2015), Guattari (2016), Raquel Schefer (2012) e o conceito de *um cine menor*[11] em dialogo com *Outros fazedores de cinema* apresentado por Alice Fátima Martins (2019).

As caminhadas e o convite do Cine aos moradores, que acontece às vésperas das sessões, com cortejo acompanhado do Carrim das Artes[12], ao som de vinhetas, com distribuição de zines criados por colaboradores e colagem de cartazes, potencializam os encontros com as ruas e praças do bairro e nos aproxima dos modos de existência de uma região da cidade, ainda desconhecida de muitos de seus habitantes[13]. As escolhas dos espaços da cidade onde acontecem esses encontros recebem atenção especial justo por tornarem visíveis questões como a indiferença e o descaso com os espaços públicos, em nossa cidade, questões que ardem em nós, pensando nas palavras de Mia Couto (2011) quando traz o incendiador de caminhos, que cartografa, desenhando na paisagem a marca de sua presença. Escreve com fogo a narrativa que é seu trajeto e, assim, sobrevivemos como "[...] eternos errantes, caçadores de acasos, visitantes de lugares que estavam por nascer" (COUTO, 2011, p. 71).

Pensar uma *arte de bairro,* ou ainda, um *cinema que inventa o bairro*[14]*,* nos remete às proposições de Hélio Oiticica: arte ambiental, mundo museu, *crelazer*.

---

[11] A autora constrói o conceito de *Cine menor* com referência ao conceito de "literatura menor" apresentado por Deleuze e Guattari (2015) em suas releituras de Franz Kafka.

[12] Um carrinho que circula nas ruas e praças do bairro com tecnologias/equipamentos que viabilizam a projeção de audiovisuais do Cine Ser Ver Luz. O projeto do carrinho, integrado à pesquisa Artes | Espaço Comum | IntenCidades (2014-2016), coordenada pelo LAMUR | PPGArtes | UFC, foi elaborado em aliança com o projeto de extensão Varal – Laboratório de Iniciativas em Design Social, vinculado ao Canto – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC, na 1ª fase de encontro entre pesquisas e comunidades, com oficinas de prototipagem junto aos cursos de Arquitetura e Design da UFC e a Associação de Moradores do Titanzinho.

[13] Em um breve levantamento, com estudantes que se candidataram a Bolsa PIBIC, desde 2013, vimos que a grande maioria não conhecia o bairro Serviluz, ou melhor, nunca tinha ido até o bairro.

[14] Cinema que Inventa o Bairro é também o nome do E-book publicado pelo Coletivo AudioVisual, a Associação de Moradores do Titanzinho e o LAMUR, em 2019a. http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/45940

Implica também pensarmos a arte como atitude, como também sugere o artista Cildo Meireles. Quando questionado sobre como seriam os museus no futuro, Meireles (2009) respondeu que não sabia ao certo, mas que, talvez, os museus viriam a ser o próprio modo de existência das pessoas, seus hábitos, seus modos de conviver.

> [...] pretendo estender o sentido de "apropriação" às coisas do mundo com que deparo nas ruas, terrenos baldios, campos, o mundo ambiente, enfim – coisas que não seriam transportáveis, mas para as quais eu chamaria o público à participação – seria isso um golpe fatal ao conceito de museu, galeria de artes, etc., e ao próprio conceito de "exposição" – ou nós o modificamos ou continuamos na mesma. Museu é o mundo, é a experiência cotidiana. [...] (OITICICA *apud* FAVARETTO, 2015, p. 129).

A ideia de uma estetização da vida, de uma ritualização dos gestos, a ideia de atribuir sentido às práticas cotidianas, coaduna-se com a de "arte de bairro" ao aproximar a dimensão estética da arte dos gestos cotidianos. Esse movimento é prenhe de possibilidades inventivas e transformadoras, é um movimento que aproxima arte e vida, é, portanto, um comprometimento estético e social com o entorno de onde se habita. É fazer micropolítica.

Entre as intervenções urbanas e audiovisuais, realizadas no âmbito de nossas pesquisas, destacamos, nesse estudo, *Luzes do Farol* e *Farol | OcupAções,* inspiradas nas mostras e sessões do Cine Ser Ver Luz no Farol do Mucuripe, entre outros espaços comuns, da cidade, ambas realizadas em aliança entre Coletivo AudioVisual do Titanzinho, a Associação dos Moradores do Titanzinho, no bairro Serviluz e o LAMUR|UFC. São trilhas por nós desbravadas, no decorrer da pesquisa/expedição, e reinventadas a cada nova travessia.

Farol (des)ativado com luzes e ocupAções

O Farol do Mucuripe, construído ao logo de anos, por escravos, foi inaugurado em 1847, na Ponta do Mucuripe, região litorânea da cidade, mais precisamente, área do Cais do Porto, nomeado pelos moradores como bairro Serviluz. A história da construção do Farol confirma os estudos de MOASSAB (2017) para quem os monumentos, a arquitetura, a ocupação dos territórios e as consequentes

demarcações simbólicas e, inclusive, as políticas de de preservação, atuaram e seguem atuando como estratégias de dominação.

> As cidades e vilas do país foram criadas como estratégia de dominação, a partir do litoral rumo ao interior. Internamente, no que diz respeito ao desenho urbano, os quadrantes centrais e mais elevados eram inexoravelmente destinados às estruturas de poder, onde foram construídos as igrejas, fóruns, prefeituras, cadeias, fortificações. MOASSAB (2017)

Desativado em 1958, o Farol foi tombado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult), em 1983 e, posteriormente, inaugurado com outra funcionalidade, Museu do Jangadeiro, fechado em 2007. [15] A Secretaria de Turismo do Estado (Setur) manteve um vigia trabalhando no local, por mais três anos[16], posteriormente, foi deixado ao léu, transformado em memória de si mesmo. Como não mais iluminava, ficou à sombra de seu irmão mais novo, muitas vezes interpretado como o único Farol do Mucuripe de Fortaleza.

Os moradores do Serviluz, porém, sabiam que era necessário continuar visitando o Farol, desvendando seus espaços, ocupando-o como veremos, nas intervenções audiovisuais Luzes do Farol e Farol | OcupAções, a seguir.

> Ora, todos sabemos – e particularmente os arquitetos, é claro – que um edifício não é um objeto estático, mas um *projeto* em movimento, e que mesmo uma vez construído, ele continua a ser transformado pelos seus usuários, a ser modificado tanto pelo que acontece no interior como no exterior, e que ele desaparecerá ou será renovado, ou transformado e alterado até ficar irreconhecível. (LATOUR e AYNENA, 2017, p. s/n)

[15] Matéria Jornal OPOVO, de 14.03.2013, intitulada “Farol do Mucuripe tem histórico de abandono”. Disponível em: http://bit.ly/2tvBL0t . Acesso em: 18 jun. 2017

[16] Matéria Jornal Diário do Nordeste, de 13.02.2011, com o titulo: “Antigo farol dá sinais de abandono no Mucuripe”. Disponível em: http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/antigo-farol-da-sinais-de-abandono-no-mucuripe-1.38149 Acesso em: 05 de jul. 2017

Figura 2. *Luzes do Farol*.

Fonte: Acervo de Pesquisa.

Os modos de existência nas nossas cidades estão marcados por desigualdades de ordens distintas, no campo social, cultural, geopolítico. Convivemos diariamente com diferentes formas de estigmatização que dificultam e enfraquecem as experiências nos espaços coletivos. A limitação das opções de convívio e interação em diferentes domínios da existência, entre outros fatores, tem provocado o não reconhecimento, até mesmo o apagamento, de modos de vida múltiplos e heterogêneos em nossa sociedade (MARASCHIN, 2005). Os sentidos de um tipo de "in(vi)sibilidade humana e social"[17], que atravessa a vida e a morte de uma parcela significativa da população, vêm norteando inúmeros estudos e mobilizando também as intervenções realizadas no LAMUR.

Luzes do Farol é uma intervenção urbana audiovisual que propõe espalhar gestos luminosos, tornando visíveis singularidades de viver e conviver em espaços pouco conhecidos e, muitas vezes, esquecidos, em Fortaleza.

[17] Outras referências são os estudos de Arendt (1989) e Soares (2004).

> Para Arendt (1989), a presença do outro que vê o que vemos e ouve o que ouvimos é o que garante a realidade do mundo e de nós mesmos. Nesse sentido, simbolicamente falando, pode-se entender "visibilidade" como a realidade compartilhada, provocando assim um tipo de deslocamento do conceito de visibilidade[18]. (...) Visibilidade também consiste no enlace do "outro" e, nesse sentido, o outro precisa estar disponível. Construímo-nos na relação com o outro, no ato da distinção, e esse outro pode não ser outro encarnado, e sim, por exemplo, as tecnologias – a construção social das tecnologias, ou ainda, a palavra que é usada. No entanto, vive-se a retração do espaço compartilhado nos moldes do que Arendt (1989) descreve e, ao mesmo tempo, presencia-se a confluência do olhar para a tela da tevê e, mais recentemente, do computador. Estes são "os outros", na atualidade, são os espaços que estão assumindo o lugar das "praças públicas". (GORCZEVSKI, 2007, p. 27).

Com aspiração nas intervenções realizadas no Farol do Mucuripe, que vive o descaso do poder público, e em prédios abandonados no Vicente Pinzón, o Luzes do Farol procura trazer à tona questões geopolíticas, socioeconômicas e culturais, afirmando a participação comunitária e universitária e a produção audiovisual como política ativa que fortalece e inventa outros modos de vida, onde o sentido ético-estético encontra um lugar preponderante.

A intervenção foi criada na aproximação entre pesquisadores que participam do LAMUR e o Coletivo AudioVisual do Titanzinho. Foram realizadas três intervenções, sendo a primeira em dois prédios inconclusos no bairro Vicente Pinzón, cuja ocupação compôs parte da pesquisa "ornamento aventura errante", desenvolvida no mestrado em artes da UFC pela artista e pesquisadora Aline Albuquerque. Reunindo imagens desta pesquisa e das ações realizadas no Farol do Mucuripe, provocou a pensar as políticas de remoção e os modos de inventar e ocupar o espaço urbano.

A segunda edição ocorreu durante ocupações estudantis no ICA, entre novembro e dezembro de 2016. Foram exibidos curtas que levaram questões para o debate, pensando o intervir no espaço público e a arte como resistência estética e política. Vale ressaltar que muitos dos filmes foram produções ocorridas no bairro Serviluz. Na terceira edição, a intervenção[19] aconteceu na III Mostra ICA, durante os

[18] Conforme Gorczevski (2007, p. 27), "[...] a intenção é não vincular o termo 'visibilidade' apenas à valorização da autoestima, do reconhecimento e do reforço narcísico, mas observá-lo como um movimento que se dá também na contramão do narcisismo, pois, quanto mais ampla a extensão da 'praça pública', imagina-se que menor seja a necessidade de narcisismo".

[19] Cocriação de Priscilla Sousa, Pedro Fernandes, Fabiola Gomes, Bruno Spoteink, Sabrina Araújo, Nataska Conrado, Aline Albuquerque, Ana Paula Veras, Yuri Peixoto, Emilia Schramm e Deisimer Gorczevski. Mais detalhes em https://www.facebook.com/cineclubeserverluz/?fref=ts

Encontros Universitários da UFC, desejando criar um ambiente de conversa disparado por projeções de filmes (curtas) que fazem pensar como a arte pode contribuir com questões relacionadas ao direito à cidade e à universidade. Entre os curtas selecionados, alguns foram realizados por estudantes da UFC[20].

Figura 3. *Farol* | *OcupAções*.

Fonte: Acervo da Pesquisa.

O processo de criação audiovisual do vídeomapping **Farol | OcupAções**[21] teve inspiração nas intervenções do Cine Ser Ver Luz realizadas com o Farol do Mucuripe, trazendo à tona questões|problemas que sugerem o urbano como plano de intervenções e a arte como política que inventa outros modos de habitar|ocupar a cidade. Nas palavras de Migliorin (2016, p. s/n), “Não se ocupa para manter o mesmo, o já existente, o que o espaço é e os sujeitos são, mas para fazer da ocupação um processo de criação”.

Nos estudos de Emília Schramm, durante a bolsa de iniciação cientifica, intensificamos o convívio com os moradores, e nas escutas atentas foi possível

[20] Nessa III edição do Luzes do Farol apresentamos audiovisuais do Coletivo AudioVisual do Titanzinho, Servilost, Coletivo Natora, bem como de realizadores e seus colaboradores: Priscilla Sousa, Ana Paula Veras, Aline Albuquerque, Bruno Spoteink, Raimundo Cavalcante, Deisimer Gorczevski, Nataska Conrado, Emilia Schramm, Yuri Peixoto, Cecília Andrade, Allan Diniz, Valentino Kmentt, Maximiliano Leguiza, David da Paz, Pedro Palácio, Sanny Maia, Elvin Franklin, Mateus Bandeira, Mylla Fox, Pedro Henrique, Luiz Freire, Valber Firmino, Daniele Amaral, Lucas Coelho e Ticiana Lima.

[21] O trabalho colaborativo para criar o videomapping foi realizado como uma das intervenções da pesquisa Coletivo AudioVisual do Titanzinho: Cine Ser Ver Luz (2016-2017), com participação de Emília Schramm, e orientação da profa. Deisimer Gorczevski, contando com apoio de bolsa PIBIC-UFC. O processo envolveu participantes e colaboradores do Coletivo AudioVisual e do vídeomaker e VJ Valentino Kmentt https://www.youtube.com/watch?v=9vPYqh2UBHY

observar aproximações entre os sentidos que o Farol assume na vida dos moradores e o conceito de *menir* (CARERI, 2013). No diálogo com Pedro Fernandes, morador e ativista do Serviluz[22], essa aproximação conceitual tomou corpo, pois para Pedro, além de ser o seu "parque de diversões"[23] o Farol "sempre foi um ponto de encontro, em que as pessoas namoravam, se encontravam pra conversar, observar o sol, a Lua...", ou seja, um monumento simbólico que se fortalece por ser também um ponto de encontros e celebrações. De Bruno Ribeiro (Spote), artista visual e morador do Serviluz[24], escutamos que o Farol "guiou muitos povos ancestrais antes da gente, e a gente continua aqui, né, existindo como ele, e isso vai crescendo mais e mais. O Farol nunca deixou de ser guia da gente..."[25]. Essa narrativa vem confirmar os escritos de Careri (2013, p. 52) quando compreende *menir* como o que "[...] institui um tempo zero que se prolonga na eternidade e um novo sistema de relações com os elementos da passagem circunstante". É imprescindível ressaltar esse *novo sistema de relações*, visto que, hoje, o Farol não é o mesmo de, pelo menos, oito anos atrás, quando iniciamos a nossa primeira pesquisa.

O processo de criação da projeção mapeada teve como disparador os filmes apresentados durante a V Mostra Audiovisual do Titanzinho, principalmente os que foram realizados por moradores do bairro. Ela foi projetada no entorno da parte de cima do Farol e, nesse espaço, sendo que as imagens dos filmes foram organizadas e editadas no instante da intervenção, pois aprendemos, durante nosso convívio com o bairro, que o momento presente pode incitar novas sensibilidades. Nas palavras de Gorczevski *et al* (2015a, p. 14),

> Propor estudar a arte como experiência estética e política de resistência, um encontro entre concepções e experiências de artistas e não artistas e suas intervenções nos modos de viver e habitar a cidade é também propor visibilizar a trajetória da arte, na contemporaneidade, na perspectiva da invenção de territórios existenciais sensíveis.

Com esse conjunto de imagens e afetos em movimento, foram combinados trechos de textos falados como O que é uma ocupação de Migliorin, e Resistir, de Janaína Furtado e Andréa Zanella, do livro Pesquisar na diferença: Um abecedário,

[22] Coordenador da Associação de Moradores do Titanzinho, integrante dos Coletivos AudioVisual do Titanzinho e Servilost.
[23] Trecho extraído de entrevista com Pedro Fernandes, ocorrida em maio de 2017.
[24] Estudante de artes visuais no IFCE, integrante do Coletivo Servilost e colaborador do Coletivo AudioVisual do Titanzinho,
[25] Trecho extraído de entrevista com Bruno Spote, ocorrida em maio de 2017.

além de trechos de entrevistas com alguns moradores do bairro. Essas gravações foram editadas com acompanhamento musical de sonoridades do violão, compostas por Emília Schramm, que além de experiência com a composição de canções observou a força da música, tão marcante nas ações de ocupação do Farol, em especial, o *Sarau Farol Roots*, realizado pelo Coletivo Servilost e colaboradores.

Observamos a necessidade de realçar o *novo sistema de relações*, considerando tanto as mudanças na degradação da estrutura do Farol como na paisagem e nos modos de ocupar e ser ocupado pelo entorno. O que parece evidente nas falas e ações dos moradores do Serviluz é a atitude de continuar ocupando e, assim, inventando o Farol.

Como seria pensar a cidade e o cinema desde os bairros?
Pensar a cidade e o cinema desde os vizinhos mais próximos, desde os afetos?

Entre o cinema e seus espaços de encontro e convivência, o bairro experimenta sua força e (re)inventa a si mesmo, sua memória. “Essa geração local de novas sociabilidades, vividas na emoção, permite soluções locais e globais através do que fazemos todos os dias” (SANTOS, 2006, p. 24).

Nos estudos de Fabíola Gomes, moradora do Serviluz[26], ao pensar em audiovisuais que colaboram para a criação da resistência do bairro, nos fala de um “regime de cumplicidades” com o qual o bairro opera,

> [...] como se cada pessoa de cada família fosse a ‘molécula numa rede, uma rede molecular’. Nossas idas e vindas fortalecem e criam constantemente novas formas de estar juntos. Nossa resistência – que para alguns, apesar de toda a luta, ainda é imperceptível – tem sido o que nos mantém unidos apesar das adversidades (GOMES, 2017, p. 24).

Um bairro que tece suas redes, tramando com mais força os laços de amizade e vizinhança ao viver na pele as segregações e incertezas que criam marcas, como estrias profundas, ao mesmo tempo que se revigora ao inventar memórias alegres, aprendendo a gingar e deslizar com os movimentos das ondas do mar.

[26] Graduada em Cinema e AudioVisual, na UFC, foi a primeira bolsista de iniciação cientifica, ainda em 2011, nos apresentando a Associação de Moradores, no inicio das aproximações e pesquisas com o bairro Serviluz.

O cinema que se inventa com o bairro aposta na dissolução das demarcações geográficas, midiáticas e existenciais, que segregam o Serviluz, investindo na heterogeneidade e multiplicidade de narrativas audiovisuais como ações micropolíticas.

Assim como a matéria demasiado humana nos constitui e nos faz essencialmente imperfeitos e complexos, do mesmo modo a cidade que somos, como um espelho de Narciso, é imperfeita e complexa e nos instiga a nos inventarmos fortalezas sensíveis e criarmos uma espécie de constelação de desejos que se quer capaz de reluzir afetos em tempos de brutalidades.

E é com esse desafio que propomos dar continuidade aos estudos e intervenções, enunciando alguns desdobramentose, em especial, a proposição mais recente com a pesquisa Fortalezas Sensíveis: Escritas com a Cidade – apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará – e a criação do Ateliê de Escrita Inventiva, instigando experimentações com o escrever em devir (DELEUZE, 1997) e a partilha dos processos de criação individuais como proposição de processos coletivos e singulares.

Nos encontros também estaremos estudando os nossos processos de escrita inventiva, considerando a noção de escritura, inicialmente, nos estudos de Barthes (2004) e Costa (2017), pois interessa à pesquisa, como exposto em um de seus objetivos, problematizar o que se entende por escrita e escritura na perspectiva de mapear os agenciamentos entre texto e contexto, assim como marcas e intensidades nos modos de habitar espaços da/com a cidade.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária,1989.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

COSTA, Luciano Bedin. **Ainda escrever**: 58 combates para uma política do Texto. São Paulo: Lumme Editor, 2017.

COUTO, Mia. Incendiador de Caminhos. In: COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 69-76.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pal Perbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. V. 5. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FAVARETTO, Celso. **A invenção de Hélio Oiticica**. 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FURTADO, Janaína R., ZANELLA, Andréa V.. Resistir. *In*: FONSECA, Tania M.G.; DO NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci (Org.); **Pesquisar na Diferença**: Um abecedário. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2012. P.207-208.

GOMES, Maria Fabiola. **Audiovisuais que inventam o bairro**: o Serviluz que insiste em fazer a sua história. 2017. 92 f. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual) – ICA / UFC, Fortaleza.

GORCZEVSKI, Deisimer. **Micropolíticas da Juventude e Visibilidades Transversais**: In(ter)venções audiovisuais na Restinga em Porto Alegre. 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Unisinos, São Leopoldo.

GORCZEVSKI, Deisimer (Org.). **Arte que inventa afetos**. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária - UFC, 2015a.

GORCZEVSKI, Deisimer; ALBUQUERQUE, Aline; ARAÚJO, Sabrina; SHIKI, Cecília. Sobre poéticas e políticas: micro intervenções na cidade de Fortaleza. In. **Arte e Política**: IV Diálogos Internacionais em Artes Visuais e I Encontro Regional da ANPAP/NE [organizadores]: COSTA,R.X.; CARVALHO, L. M.; ZACCARA, M.; SILVA, M. B. E. (Orgs.); Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. – Recife: Editora UFPE, 2015b.

GORCZEVSKI, Deisimer; GOMES, Maria Fabíola; FERNANDES, Pedro; ARAÚJO, Sabrina. (Org.). **Cinema que Inventa o Bairro**: Cine Ser Ver Luz. 1 ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019a.

GORCZEVSKI, Deisimer; RABELO, Gerardo; GOMES, Maria Fabíola; FERNANDES, Pedro; SOUSA, Priscilla; ARAÚJO, Sabrina. (Org.). **Nossas ruas com cinema**: Cine Ser Ver Luz. 1 ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019b.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. ***Un amor de UIQ****: Guion para un film que falta. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra; Buenos Aires: Cactus*. 2016.

KASTRUP, Virgínia. A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade. **Revista TRAMA Interdisciplinar**, v. 3, p. 23-33, 2012.

LATOUR, Bruno, YANENA, Albena. Dá-me um revolver e farei mover todos. **Revista Punkto**. Tradução Paulo Ávila. 2017.

MARASCHIN, Cleci. Redes de conversação como operadoras de mudanças estruturais na convivência. *In*: PELLANDA, N., SCHLÜNZEN, E. SCHLÜNZEN, K. Jr. (Orgs.). **Inclusão Digital** – Tecendo Redes Afetiva/Cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTINS, Alice F. **Outros fazedores de cinema**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

MEIRELES, Cildo. A arte nos caminhos da morte. In. SCOVINO, Felipe (Org.). **Encontro.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

MIGLIORIN, Cesar. O que é uma Ocupação. 2016. Disponível em: <http://a8000.blogspot.com/2016/09/o-que-e-uma-ocupacao.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MOASSAB, Andréia. O Patrimônio Arquitetônico no século XXI: para além da preservação uníssona e do fetiche do objeto. **Arquitextos**, 2016.

OLIVEIRA, Carmen S. Brasil, além do ressentimento. **Revista Vazantes**. V. 01 _ n. 02. Fortaleza. 2017. p. 62-83.

SANTOS, Milton. Por uma epistemologia existencial. *In*: LEMOS, Amália Inés G. de; SILVEIRA, María L.; ARROYO, Mónica. (Orgs.) **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires: *Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales* – CLACSO; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, p. 19-26.

SCHEFER, Raquel. *Un cine menor.* In. FERLA, Jorge, REYNAL, Sofía. ***Territórios Audiovisuales***. *Cine, vídeo, televisón, documental, instalación, nuevas tecnológias, paisajes mediáticos.* 1ª ed. Buenos Aires: Libraria, 2012.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES. R. VANUCHI. P. (orgs.). **Juventude e Sociedade** – Trabalho, educação, Cultura e Participação. SP: Instituto da Cidadania. Editora: Perseu Abramo 2004.